



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS

**Nomes Que Damos às Pandemias**

O princípio é sempre importante, e começa a dar forma à nossa perceção do que se segue. No princípio criou Deus os céus e a terra - assim começa a Bíblia, e a separação entre o espiritual e o material, entre o divino e o humano. O estudioso Edward Said até distingue a origem, que é divina e mítica, do princípio, que é secular e humano, e o primeiro passo na produção do significado que pretendemos dar ao que nomeamos.

Foi no fim do século XIX que a ciência foi buscar ao latim a palavra “vírus” com o significado de “veneno” ou “toxina”. Mas com o tempo foi preciso ir distinguindo os vários tipos destes micróbios que estão na fronteira entre os seres vivos e os não-vivos, pois só sobrevivem usando uma célula de algum ser vivo.

E porque tem havida, vezes de mais, a tendência de se adotar nomes que são prejudiciais para certos grupos da sociedade, a Organização Mundial de Saúde adotou o nome de covid-19, do inglês coronavirus disease 2019, um termo técnico que combateu a tendência de se atribuir o vírus a este ou outro país ou povo, como aconteceu no início desta pandemia.

Foi uma medida sensata e fundamentada, pois a história das pandemias mostra como nomes desadequados causam preconceitos que nem correspondem à realidade. Por exemplo, o chamado vírus do Ébola tem o nome de um rio que nem se situa na zona onde a doença surgiu. A chamada gripe espanhola não originou em Espanha, e a gripe suína tem esse nome, mas não corresponde apenas a esta espécie. ♦

17 de Maio 2020 Contra a homofobia...

Foi o Evento Online, dia 17 de Maio: contra a discriminação e os preconceitos. Pela Afirmação e Direitos, no campo LGBT!

RAQUES FONTES
UMAR.Açores

A UMAR Açores, em parceria com a APF Açores, assinalou o 17 de maio - Dia Internacional Contra a Homofobia, Bifobia e Transfobia, através de um evento on-line, entre as 16h e 17h, no facebook, designado: Contra a LGBTI+Fobia aos Caminhos da Igualdade. A iniciativa contou com a mostra de 17 trabalhos realizados por coletivos e pessoas individuais.

A diversidade de trabalhos foi manifesta, passando por lembrar o nascimento do próprio dia, em 1990, aquando a exclusão da homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Pro-



blemas Relacionadas com a Saúde, da Organização Mundial de Saúde, deixando de ser considerada uma doença.

Marielle Franco, ativista LGBT, assassinada a 14 de março de 2018, foi recordada neste evento, assim como con-

tamos com a partilha de vários testemunhos da comunidade LGBTI, poemas, trabalhos de Drag Queen, memórias de atividades desenvolvidas no arquipélago em prol da Diversidade Afetivo-Sexual e Contra a Violência, entre outras.



A caminhada em prol da Igualdade de Direitos e Oportunidades para todos e todas continua sendo essencial o envolvimento de toda a gente! ♦

Ver Facebook.
UMAR-Açores e APF Açores

Maio 2020**Janela sobre o passado...**

Embora a condição feminina remetesse a mulher para a esfera da domesticidade e da vida privada, no Portugal de finais do século XVIII e meados do século XIX, sobressaíram duas rainhas: D. Maria I (1734-1816) e D. Maria II (1819-1853). Em contrapartida, até aos nossos dias, a sociedade portuguesa ainda não elegeu uma presidente da república.

Filha de D. José I, D. Maria I ascendeu ao trono em 1777. A sua animosidade em relação ao Marquês de Pombal, que pretendia que ela renunciasse a favor do filho, levou-a a afastar o então todo-poderoso ministro de D. José. Apesar de D. Maria I não ter tido uma grande preparação para a vida política, marcou o seu reinado pela reabilitação dos inimigos do Marquês e pela implementação de uma governação modernizadora. Enfrentando uma conjuntura internacional muito difícil, devido a guerras e revoluções, procurou manter uma política diplomática de entendimento com a vizinha Espanha e de neutralidade relativamente aos E.U.A., por causa da aliança luso-britânica. Ainda



**SUSANA
SERPA SILVA**

no seu reinado, desenvolveu uma importante atividade legislativa e de fomento cultural e económico. Não só impulsionou novas manufaturas, como o aumento das exportações do vinho do Porto. Do seu reinado datam instituições como: a Real Academia das Ciências de Lisboa, a Academia Real de Marinha, a Real Biblioteca Pública e a Real Casa Pia, ambas de Lisboa, sendo esta última obra do Intendente Pina Manique. Problemas de foro psiquiátrico acabaram por ditar o seu afastamento dos negócios públicos, em 1792, passando a substituí-la o filho, D. João, que se tornou regente em 1799.

D. Maria II nasceu no Rio de Janeiro, na sequência da retirada da família real, para a colónia sul-americana, aquando das invasões francesas. Filha de D. Pedro I, do Brasil e IV, de Portugal, tinha apenas 7 anos de idade, quando o pai, então Imperador do Brasil, abdicou do trono português, a seu favor. Acordou o casamento com o tio, D. Miguel, que devia assumir a regência até à sua maioridade, depois de jurar a Carta Constitucional, D. Maria acabou por perder



D. Maria I



D. Maria II

o trono, uma vez que, no regresso a Portugal, D. Miguel restaurou a monarquia absoluta, desrespeitando o acordo com o irmão. D. Maria da Glória foi enviada para a Europa a fim de lutar pela sua causa, chegando a residir em Londres e Paris. Só por via de uma guerra-civil, disputada entre liberais e absolutistas, D. Maria II ascendeu ao trono, com 15 anos, em 1834. Apesar do seu curto reinado ter coincidido com um dos mais conturbados períodos da História de Portugal, no século XIX, devido à instabilidade política e a numerosas revoltas, D. Maria II tornou-se um símbolo da vitória do liberalismo e da Monarquia Constitucional. Do seu segundo casamento, forçado pela morte prematura do primeiro marido, nasceram 11 filhos, dos quais, 4 não sobreviveram. A própria monarca faleceria de parto, a 15 de novembro de 1853. ♦